



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25
Telefone 82431 BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMANÁRIO REGIONALISTA
POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:
Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole
Ano, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
Ano, 45\$00 e 110\$00 — Ultramar e Ilhas
Ano, 50\$00 e 160\$00 — Brasil
Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de CarvalhoComposição e Impressão: Companhia Editora do
Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 29 DE MAIO DE 1965

VISADO PELA CENSURA

Aziúmes dum homem de mau humor

por Falcão Machado

Do muito lamentável caso acontecido com a Sociedade Portuguesa de Escritores, e que deve ser do conhecimento geral, há a fazer algumas considerações.

A primeira, e mais importante é sobre a explosiva reacção angolana contra os factos de se ter atribuído determinado prémio ao livro do escritor a que se acoberta com o pseudónimo de Luandino Vieira, natural daquela Província Ultramarina.

Essa explosiva reacção foi instintivo acto de defesa colectiva, social, contra um escritor que está condenado como terrorista, cúmplice daqueles que, em 15 de Março de 1961, chacinaram, em hediondo massacre, milhares de pacíficos cidadãos, que labutavam, confiadamente, na conquista do pão de cada dia.

E a voz do povo a falar, protestando contra um acto que é, no fundo, um ataque contra esse mesmo povo, contra o seu direito à vida e sobrevivência, em suma, contra a Pátria.

Outra consideração é que há um sector intelectual, de escritores de ficção, romancistas, novelistas, contistas, e de ensaístas e poetas, que está divorciado do povo, dos sentimentos e da ideologia popular, dos seus instintos eternos e permanentes, da sua personalidade, filha do ambiente natural que condiciona esse mesmo povo.

Não conhecem o povo, os seus interesses as suas ideias. No fundo, desvêm, até, desprezá-lo, porque esse

(Continua na página 3)

Agostinho Carvalho de Araújo

Durante alguns dias estive em Barcelos o nosso prezado amigo e assinante, Sr. Agostinho Fernando Carvalho de Araújo, inteligente funcionário do Ministério das Finanças, desempenhando o cargo de Técnico Verificador de 1.ª classe do Serviço de Prevenção e Fiscalização Tributária.

Barcelos e a Fundação do Rio de Janeiro

Quando há dias falávamos das coisas de Barcelos, e da fundação do Rio de Janeiro, nunca pensei que esse assunto me levasse a escrevê-lo, meu caro Rogério.

Esta não será, assim, uma carta do Rio, mas falando do Rio; nem de Lisboa, mas sim de uma aldeia junto do Douro—Pedrido—em que este fim de semana, por este motivo, passou mais depressa.

Isto porque conversando com o nosso ilustre presidente da edilidade e falando dessa nossa conversa, pois as coisas da minha terra assim me fazem ser, já uma incerteza havia, a qual procurei aclarar. Também quanto ao nome Estácio, em que me falou e que me criou algumas dúvidas, mais me aguçaram o desejo de procurar essas velhas «coisas».

Vim então para o meu trabalho e procurei «vasculhar» nas horas vagas alguns livros e papéis que guardo. Mas também por Deus, e também por Barcelos, chega-me o correio que me traz carta amiga de Henrique Ferreira Vale, que assistindo àquela segunda conversa não perdeu tempo. E vai então de me mandar uma rica achega do seu amigo José Lobarinhas. Dessa achega, que por curiosa coincidência tem algumas informações em que havia bebido um pouco dos meus poucos conhecimentos sobre o assunto, tiro também outras informações transcritas que aqui, entre pinheiros, não posso verificar, mas em que confio plenamente, e que me são também muito proveitosas.

Sendo assim vou modestamente compilar transcrições para formar ideias sobre a fundação do Rio de Janeiro e daí tirar conclusões que justifiquem a presença de barcelenses que nesse facto alguma acção tiveram.

De uma enciclopédia tiramos: «...Foi então que o Brasil dividido em quinze territórios paralelos ao equador, que foram dados a vários indivíduos, em cujos forais se lhes outorgavam os mais simples poderes. Era, porém, tão difícil e custosa a colonização desses vastos territórios que os

donatários desistiram das suas capitánias, e em 1548 foi o governo do Brasil unificado por Tomé de Sousa, benemérito governador-geral, que em 1549 fundou a cidade de Salvador, depois de S. Salvador da Baía, de que Sardinha foi o primeiro bispo (1551). Também foram criadas as Vilas de Santo André, Itanhaém e Santos.

«Tomé de Sousa trouxera consigo os primeiros Jesuítas, que, desde logo, sob a direcção de Nóbrega, começaram os seus nobres, eficazes e inolvidáveis trabalhos de conversão e civilização dos selvícolas. Infelizmente, poucos anos depois disto, começou a importação de negros escravos da costa de África. Ao de Tomé de Sousa sucedeu o governo agitado de Duarte da Costa, seguindo-se-lhe o de Mem de Sá. No governo deste, os Franceses, que, sob o comando de Villegaignon, se estabeleceram na baía de Guanabara (1555), foram expulsos, tendo

o governador sido auxiliado nesta luta pelo seu sobrinho Estácio de Sá. Foi então fundada naquela paragem a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (1567). Após Mem de Sá, foi o Brasil subdividido em dois governos, que pouco depois...» etc.

O Major Marcelos Sampaio escreve-nos a páginas 94 da sua «BARCELOS-Resenha»:

«Colonizadores como Tomé de Sousa (1503-1579), o primeiro governador geral do Brasil (1549-1553) a quem coube a missão de unificar a colónia e fazer a semente do Estado, por provada ineficácia a divisão da América portuguesa em capitánias aliás de indelével importância histórica. (Pedro de Azevedo em História da Colonização Portuguesa do Brasil)».

José Lobarinhas transcreve-nos de «A cidade do Rio de Janeiro e as suas Dívidas, páginas 171, de Xabara» (1555), foram expulsos, tendo

(Continua na página 8)

Mês de Maria no Santuário da Franqueira

No próximo domingo, dia 30, na Montanha Sagrada da Franqueira, aos pés da Virgem, nossa Padreira, vai ser prestada homenagem aos soldados, filhos de Barcelos, que se batem pela presença de Portugal no Ultramar.

Assim, a Mesa Administrativa resolveu, de acordo com o seu Capelão Padre Manuel de Sá, elaborar um programa religioso que significasse a quantos no cumprimento desse sagrado dever, a sua gratidão e o desejo veemente de que o regresso seja breve, com mais prestígio e com mais orgulho.

As 9 horas haverá concentração junto da Igreja de Carvalhal das

famílias e mais devotos que queiram associar-se a essas manifestações, partindo em seguida, em romagem até à Ermidinha de Nossa Senhora, onde será celebrada missa em acção de graças, pedindo protecção e uma bênção para os bravos soldados barcelenses e às 15 horas, haverá recitação do terço, procissão e sermão, sendo orador o Rev.º Prior de Barcelos e ainda, a fechar, bênção do Santíssimo Sacramento.

No final das cerimónias serão distribuídas aos familiares presentes, de todos os soldados a combater contra o terrorismo, pagelas com invocações próprias, que serão enviadas como lembrança a quantos lutam pela sobrevivência de Portugal.



Crónica do CIT—Cultura e Arte

NOTA DE ABERTURA

Com esta rubrica abre «O Barcelense» mais uma secção destinada aos leitores interessados em assistir ao nascimento em Barcelos de uma Associação Cultural e Artística, cujo empreendimento e iniciativa se deve a um grupo de jovens, desejosos de sacudir inércias, esperançosos de vitalidade espiritual, numa terra com grandes tradições, e responsabilidades, isto é, rasgar novos horizontes a uma cidade com jus a ser próspera e grande em toda a acepção da palavra.

E porque não se concebe, hoje, que ao incremento material do que quer que seja, não se ligue, com o mesmo interesse e pujança, a valo-

rização do espírito—Barcelos ficaria muito à quem do engrandecimento que se propõe, se não enquadrar nas suas iniciativas de valorização material, urgentes iniciativas de valorização espiritual. Assim, por exemplo, a um surto de progresso material, pode corresponder um surto de decadência moral, se a valorização do espírito não acompanhar essa subida de nível. Há que compensar as exigências de um, com as exigências do outro, sob pena de assistirmos a um total descalabro, que abala, por vezes, alicerces bem fortes. Deve haver, por parte dos mais responsáveis, uma visão lata

(Continua na página seis)

Esposende e a HOMENAGEM a Raul de Sousa Martins

Significativa homenagem é hoje prestada a um ilustre barcelense que em Esposende conseguiu erguer uma indústria das mais importantes que se tem realizado no Norte do País em empreendimentos hoteleiros.

Raul de Sousa Martins foi o pioneiro da indústria hoteleira no Minho, transformando por completo a paisagem rural de Esposende numa zona turística das mais importantes de Portugal, com capacidade ainda para se incrementar desde que o Estado Novo comece a olhar para o Minho como o fez para o Algarve. O que está feito em Esposende deve-se total ou parcialmente às iniciativas de Raul de Sousa Martins. O que o particular devia fazer, pode dizer-se que está feito, que foi executado por um barcelense que se tornou grande pelas suas realizações, pelo seu saber, pela sua inteligência e métodos de trabalho.

«O Barcelense» ao agradecer o convite para a homenagem a prestar ao nosso Conterrâneo, expressa a Raul de Sousa Martins as suas homenagens, felicita-o, aplaude a sua obra e com júbilo associa-se a essa justa consagração que Esposende logo às 19 horas lhe prestará com o desceramento da lápide em Ofir e o jantar no Suave Mar.

Protesto Veemente

Não compreendemos a finalidade de determinados indivíduos em, por mero capricho, quererem alvorrar-se em altos dignitários, impondo ordens descabidas e desconexas.

O que se passou na última semana com a realização dum colóquio sobre teatro promovido pelo C.I.T. e que deveria ser efectuado na Assembleia Barcelense, instituição cultural que está a ser desviada escandalosamente para outros fins, não pode ficar sem o nosso protesto, porque se o C.I.T. tinha autorização do presidente e mais dois membros da Direcção da Assembleia para que aí se realizasse o Colóquio, os sócios não tinham autoridade para desautorizar uma direcção.

Um Colóquio sobre teatro não é qualquer coisa de arreligioso, de ilícito, antes pelo contrário, a sua realização na Assembleia daria a esta casa adormecida um pouco de vitalidade, daquela que já teve aquando da presidência do Sr. Dr. Aires Duarte.

É lógico que façamos a pergunta aos senhores associados da Assembleia Barcelense: para que serve essa Instituição? É exactamente isso que deveriam saber em Assembleia Geral, para definir a «cultura» que lá se pratica.

A Assembleia Barcelense saiu denegrida com essa ordem dada à última hora, depois de terem autorizado a efectivação do Colóquio no seu salão. Convites prontos, convites distribuídos e só então é que a pessoa que pediu o salão recebe uma carta a dizer não, depois do sim. Essa carta foi recebida na sexta-feira. O colóquio era no sábado!!!

(Continua na página 3)

NOTAS DA SEMANA

CONTRADIÇÃO

O ruído não faz bem. Ruído aqui não significa apenas estrondo. Sabido é que os sons audíveis, quando ultrapassam determinado grau de intensidade, causam dor imediata. Experiência fácil, em torre com toque de sinos ou com o silvo de sirene junto à origem do apito. Os sons audíveis, desde os graves aos agudos, também podem ser suaves e tão suaves, que mal se oíam. Há também medida própria para os sons audíveis serem percebidos ou escutados. Entre os extremamentos débeis e os demasiado intensos estão os sons audíveis, normalmente agradáveis. Estes contudo por vezes também fazem o ruído. Som inoportuno ou prolongado, excessivamente continuado, é ruído, que incomoda e não faz bem. E não importa qual esse som. A mais agradável melodia, insistida, termina por aborrecer e importunar. É da experiência que o excesso de sensação e até de qualquer sentido

origina desequilíbrio e mal estar. Daqui a necessidade de variar, para evitar o tédio, que é mau, e a aversão, que é pior.

O ruído não faz bem; e o bem não faz ruído. Se o bem fizesse ruído, prejudicava, diminuindo-se, negando-se. O bem é virtude. E a virtude é silenciosa. O bem contudo tem de descer à liça, tem de vir para o ruído. Necessidade da hora que passa, imperativo de mal menor. E com o ruído — já que de sua essência outra razão nem outro motivo não tem — que o mal ataca. E o silêncio, antídoto natural do ruído, já não basta para o neutralizar. Ruído diabólicamente orquestrado e tão servilmente executado que a menor, mas propositada, dissonância, é ouvida simultaneamente tanto na mais apagada aldeia como na maior metrópole, por vezes a milhares de quilómetros de distância. Enorme batuta, que não mostra

(Continua na página 2)

Amanhã é Domingo

Secção dirigida por P. ARTUR

Pensamento — «Foi sempre o ódio de uns que mais realçou o valor dos outros».

Dia 30 de Maio — Dom. d. da Ascensão. Missa própria, Glória, Credo, Prefácio da Ascensão. Paramentos brancos.

EVANGELHO
(S. João, XV, 26-27 e XVI, 1-4)

Naquele tempo, Jesus disse aos Seus Discípulos: «Quando vier o Espírito Santo que vos enviarei de junto do Pai, esse mesmo Espírito de Verdade que procede do Pai, dará testemunho de Mim. E vós também dareis testemunho, pois estais comigo desde o início».

XVI — «Para não desanimardes, devo ainda dizer-vos o seguinte: Sereis expulsos das Sinagogas. Aproxima-se mesmo o momento em que, aqueles que vos matarem, julgarão honra a Deus com isso».

Eles procederão assim, porque não conheceram o Pai nem a Mim. Disse-vos estas coisas, para que, quando elas começarem a acontecer, vos recordeis que já vo-las tinha anunciado».

REFLEXÃO

Quando Abraão conduziu seu filho Isaac ao país de Moriã para o sacrificar sobre um dos seus montes, praticou, sem dúvida, um acto de heroísmo, talvez único na história.

Acto heróico pela obediência com que aceitou, sem replicar, uma duríssima ordem de Deus, Sim. Acto heróico pela fé firme com que acreditou que viria a ser o pai duma grande geração se, neste momento, Deus lhe manda que mate o seu único filho. Sim.

Mas, talvez que o maior merecimento de Abraão esteja na fortaleza e coragem com que se expôs às críticas e comentários de uns e aos insultos de outros. Se Abraão tivesse matado seu filho, todos se levantariam contra ele, chamando-lhe «tigre» com aparência de homem, assassino com aparência de pai... (e há-os tantas, senhor!...) um pai que tem

a crueldade de enfiar uma lâmina no coração de seu filho!... e, talvez o condenassem, julgando fazer justiça diante de Deus.

Abraão, porém, caminhou em frente, sem preconceitos, sem escutar outras vozes senão a palavra de Deus: «Sacrifica-Me teu filho Isaac». E nisto, sim, está talvez a sua grandeza: ter vencido todo o «respeito humano».

É contra este mal, contra este terrível verme roedor — felizmente tendente a desaparecer em muitos dos nossos cristãos — que Jesus nos põe de sobreaviso ao dizer-nos que também nós, como o Espírito Santo, devemos dar testemunho d'Ele diante dos homens: dos homens que nos não-de ridicularizar, que não-de fugir da nossa companhia, que não-de atraiçoar-nos ou talvez, matar-nos... Como são bem verdadeiras estas palavras! Talvez nós já alguma vez tenhamos sentido o espinho do escárnio e da perseguição e a coragem nos tenha faltado, levados e vencidos pelo maldito respeito humano. Respeito humano que se traduz por vergonha e covardia; vergonha de mostrarmos a nossa fé e a nossa crença; vergonha de mostrarmos extremamente aquilo que somos internamente, ou aquilo que não somos.

A esses tais condena-os o Senhor ao afirmar: «aquele que se envergonhar de Mim diante dos homens, também Eu Me envergonharei dele diante de Meu Pai que está nos céus».

O respeito humano é a característica da falta de carácter e de personalidade; característica de duplicidade de pessoa que, por ser mentirosa, afirma-se diferentemente consoante as circunstâncias e o lugar.

Quando, pois, nos vimos tentados a sucumbir perante o ataque dos maus ou perante o nosso carácter mesquinho, lembremo-nos da fortaleza, coragem e constância dos mártires da Igreja que não se deixaram a «edrontar» por ameaças nem por perseguições, olhos postos em Deus e Suas promessas: «Aquele que Me confessar diante dos homens, também Eu o defenderei diante de Meu Pai».

Pedido de Casamento

Em Luanda, foi pedida em casamento a gentil barcelense menina Maria Manuela Oliveira de Sousa filha do nosso amigo Sr. Manuel Fernando Landolt de Sousa, para o Sr. António José Moutinho Pereira, jornalista redactor do Jornal «O Comércio» daquela nossa provincia ultramarina de Angola.

Notas da Semana

(Continuação da página 1)

Contradição

tra a enormidade do coro, mas a universalidade da harmonia. E que não é de inspiração nem de formação endógenas. Figurino de conveniência alheia, sem qualquer reflexo do interesse ou das necessidades dos autóctones, lisonjeados, mas sempre frustrados. É comprometido pelo esquisito fenómeno da simultaneidade internacional. Afirmação procedente, confirmada pela universalidade do consenso dos orquestrantes, o que, em boa lógica é critério de certeza. Ruído servindo o mal e opondo-se ao bem. E não exageramos ao chamar-lhe mal. É o seu eco que o evidencia. insinua-se ali e aqui meliflamente, ingenuamente tentando contra o patriotismo, mas nos seus quadros e nas suas fronteiras exige respeito e dedicação totais. A Pátria não se discute. O sentimento patriótico é o mais sagrado dever do homem como cidadão. Atacar este dever é acto sinistro e abominável, nem sequer tolerado pelos servidores do mal, que, entre si, o castigam rigorosamente. E aqui uma das suas mentiras: a dualidade do seu procedimento.

Ao ruído do mal tem de opor-se o ruído do bem. Do mal o menor. Ao ruído da mentira tem de opor-se o ruído da verdade. Se um ensurdecedoramente diz o que faz ou diz fazer, o outro não pode ficar calado e tem de afirmar o que fez e o que tem para realizar. Se um calunia, cinicamente convencido de que da mentira algo fica, o outro tem de opor a verdade, oportuna e inoportuna. Se os outros prometem, nós temos de realizar. Mas realizemos. Acusando-os de só prometer, não podemos repetir e agravar o erro com procedimento igual ou semelhante. Aqui uma vez mais seguimos o Poverello: a melhor argumentação é a do exemplo. Se lhe chamamos o mal, porque mente, opunhamos-lhe o bem, com a verdade. E a verdade tanto é a realidade das nossas realizações como a das nossas faltas, sem que, com as últimas, haja qualquer motivo de desonra, se nos anima, como deve animar, o firme e leal propósito de as emendar. Errare humanum est. É próprio do homem errar. Todos erramos e se erramos involuntariamente, não podemos ser apontados como praticantes de maldades consentidas. Esse mal é diferente, muito diferente, do mal propositado. E ainda que nos anime o mais são e o mais nobre sentimento de justiça, não temos o direito, nunca reconhecido, de nos servirmos de meios discricionários para chegarmos aos fins. Aqui o limite para tanta liberdade, que não é liberdade, mas licença. Esta é abuso, injustificável por aquela, que é nossa permissão por direito natural. Mas quantos, dos que tanto a apregoam, respeitam a liberdade, a liberdade dos outros, sem a qual a nossa é prepotência?

Mário da Gama

O CINEMA dos BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE BARCELOS

APRESENTA

HOJE
As 21,30 horas

AMANHÃ
As 15,30 e 21,30 horas

A comédia que esgota lotações E TUDO O OUTRO LEVOU

Os mais espantosos negócios no mundo do mercado negro.

Para RIR! RIR! RIR!

Vá aos Bombeiros V. de Barcelos

ELECTRO-FLAR

Flávio Ferreira da Costa

Oficina de reparações eléctricas em Autos. Reconstrução de Baterias. Instalações e Bobinagens em Dinamos e Motores Eléctricos. — Material Eléctrico.

Rua Dr. Manuel Pais
(Rua da Estrada, 24-A)

BARCELOS

Almoços na Franqueira

Amanhã-Domingo, servem-se almoços e lanches na Pousada da Franqueira, a preços módicos.

Vinhos dos melhores da região.

Restaurante «TRÊS MARIAS»
BARCELOS

CRUZEIRO AO BRASIL

DE 14 DE AGOSTO A 12 DE SETEMBRO

A BORDO DO NAVIO «PRÍNCIPE PERFEITO»

PREÇOS IDA E VOLTA DESDE 7.500\$00

PARA INSCRIÇÕES

Agência de Viagens A POVEIRA

Praça do Almada, 45 Telefone 62291 PÓVOA DE VARZIM

Empregado — Precisa-se

Com carta de condução de ligeiros e livre do serviço militar.

Falar na: Motociclo Barcelense

Rua Dr. Manuel Pais

BARCELOS

Automóveis de aluguer sem condutor devidamente legalizados para o País e estrangeiro Simca 1000 — Volkswagen e outras marcas

NECO

Rua Costa Cabral, n.º 14 a 18 — PORTO
Telefones — 42995 e 45459



Cândido Augusto de Sousa Cunha

Missa do 2.º Aniversário

Seus pais mandam celebrar Missa pelo seu eterno descanso no dia 2 de Junho, pelas 8.30 horas na Igreja do Senhor Bom Jesus da Cruz e às 19.15 da tarde em Santo António, agradecendo a todas as pessoas presentes.

Barcelos, 29 de Maio de 1965

Informação Cinematográfica

do Núcleo Escolar de S. José

Dirigida por: Américo Fernandes

Filme a exibir nos Bombeiros Voluntários de Barcelos, hoje, pelas 21,30 horas e amanhã às 15,30 e 21,30 horas.

E Tudo o Outro Levou

País de origem, Alemanha. Género, Comédia. Duração, 95 minutos.

Com: O. W. Fischer, Marianne Koch e Jackie Lane.

Enredo — Na Alemanha, um indivíduo mete-se em negócios enganando uns tantos. A sua ligação com uma rapariga facilita-lhe importante transacção. Quando se propõe executar outro negócio, o que lhe facilitara a leva consigo a rapariga. Mas vem a documentação rouba-lhe o dinheiro e enriquecer com o fabrico de artigos de sensação.

Apreciação Estética — Realização boa e desempenho de elevado nível artístico. Fotografia e som excelentes.

Apreciação Moral — Há cenas divertidas e livres em excesso. PARA ADULTOS, COM RESERVAS.

— () —

Pedimos desculpa aos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos de não darmos a apreciação do filme «PAVIA», que se exhibe hoje pelas 21,30 horas e amanhã pelas 15,30 e 21,30 horas, pois não temos a sua apreciação cinematográfica.



Plácido Lamela

Agradecimento e Missa do 30.º Dia

A família do saudoso finado julga ter agradecido já a todas as pessoas que lhe apresentaram condolências por ocasião do infausto acontecimento mas, na hipótese de qualquer falta involuntária, agradece por este meio e comunica que, na próxima 4.ª feira 2 de Junho — pelas 9 horas, no Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, manda celebrar as missas do trigésimo dia.

A todos que se dignarem assistir ao piedoso acto, agradece muito reconhecida.

Barcelos, 29 de Maio de 1965

Traça da Uva

Para combater esta praga, que nesta altura ataca a VINHA, aplique

NEVISOX

O melhor e mais eficaz insecticida para atacar a traça da uva (1.ª e 2.ª gerações).

À venda na

CASA SIALAL
BARCELOS

Passa-se

Passa-se Casa de Grande movimento em mercearia e vinhos, numa das freguesias de Barcelos, na Estrada Barcelos Póvoa, por motivo de retirada do seu proprietário para o estrangeiro.

Informa esta Redacção

Organização de Contabilidade por Decalque

Técnico especializado monta e organiza.

Informa esta Redacção.

TÉCNICO DE CONTAS

Accepta em regime livre e condições a combinar escrita de Contribuintes dos Grupos A, B e C.

Informa esta Redacção.

-
- Banknecht
- Yuman
- Sital
- Fiat
- Pelicano
- Atlantic
-

FRIGORÍFICOS

PREÇOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS

NO ESTABELECIMENTO DE

Armindo Silva

Av. Dr. Oliveira Salazar, 19 — Telef. 82708 — BARCELOS

Barcelos e a Fundação do Rio de Janeiro

(Continuação da página 1)

vier Pais Barreto — Rio de Janeiro»

«Tomé de Sousa — 1.º Governador Geral do Brasil e Fundador da cidade da Bahia, onde existe a sua estátua no Palácio do Governador, nasceu em Barcelos («Barcelos-Resenha-História» do Major Mancelos Sampaio, e «Apontamentos Históricos e Genealógicos», do Dr. Teotónio da Fonseca), filho do Abade de Rates, João de Sousa, dos Sousas do Prado, e de D. Mécia Rodrigues de Faria, dos Farias de Barcelos, descendentes do célebre Alcaide Nuno Gonçalves. Aconselhou D. João III a fundar uma povoação na Baía de Guanabara após a visita que ali fez, onde assistiu a uma missa campal, que foi, poder-se-á dizer, a fundação?»

Ernesto de Amorim de Magalhães a páginas 157 escreve em «Barcelos — no passado... no presente:»

«... e Tomé de Sousa 1.º governador-geral do Brasil, 1549-1553» no capítulo Homens Notáveis de Barcelos.

Dr. Teotónio da Fonseca no «Aquem-Cávido» NAO nos fala de Tomé de Sousa, mas inicia assim quando vai escrever-nos sobre os homens de Barcelos:

«Dos homens mais importantes desta antiga Vila que não vêm mencionados em qualquer tratado a ela referente destacaremos os seguintes:...»

Julgamos que o fez noutros trabalhos que tem.

De tudo o que se transcreveu anotamos como de certa importância o facto de amissa campal ser tida como que a fundação do Rio de Janeiro, e quando um Barcelense ilustre era governador-geral do Brasil.

Mem de Sá 3.º governador-geral também era barcelense, agora da freguesia de Salvador do Campo.

Vejamos: Rios Novais no «Divino Salvador do Campo-Barcelos» quando nos escreve, a páginas 53, sobre Famílias Nobres da Paróquia e sobre a quinta de Crestes. Em nota diz-nos:

«Esta Quinta da Família de Sá de Miranda, aí pelas alturas da dominação espanhola, passou por venda à família dos Pinheiros, de Barcelos. E destes é que passou aos seus actuais possuidores.

Do Ex.º Sr. e erudito Major Mancelos Sampaio, meu respeitável amigo, quando os «respiros» entravam no prelo, recebi o apreciado apontamento que se segue e «muito agradeço».

«A Quinta de Crestes, em S. Salvador do Campo do concelho de Barcelos, era na primeira metade do século XV da 1.ª Duquesa de Bragança D. Constança de Noronha, 2.ª mulher em 1420 do 1.º Duque de Bragança D. Afonso 8.º Conde de Barcelos.

Essa Quinta foi dada em dote, pela Duquesa, a D. Felipa de Sá filha de Rodrigo Enes de Sá Cavaleiro da Casa Real e de sua mulher D. Luísa de Barros. Estes «Sás» eram os Senhores de Sever, Tronco de altas nobrezas de Portugal; os «Barros» eram de Buarcos na Foz do Mondezo.

D. Felipa de Sá, afilhada da 1.ª Duquesa de Bragança, casou em 1450 com João Gonçalves de Miranda, dos «Soto-Mayores» da Galiza (em português «Soutomaiors»), que passou a Portugal com o fôro de Cavaleiro-fidalgo em 1474, nas «Listas de Moradias» da Casa Real, confirmado em 1477.

Eram os «Soutomaiors» Senhores da Casa-Solar de Crescente ou Crecete na Galiza. Por isso

PROTESTO VEEMENTE

(Continuação da pág. 1)

Ainda bem que existe colaboração e Homens na Direcção dos Bombeiros de Barcelos que cedeu, incondicionalmente, o seu salão, quando poderiam ser prejudicados uma vez que se realizava nessa mesma hora uma sessão de cinema.

Do mal nada fica; do bem, a certeza de que essa acção não será esquecida.

João Gonçalves era conhecido por «João Gonçalves de Crescente» e a Quinta de sua mulher, onde viveram, por «Quinta do Crescente».

«Por abreviaturas, do escrever rude dos escribas desses tempos, a palavra «crescente» aparecia escrita «Cres.te» em documentos e inscrições. Com o tempo fixou-se a abreviatura em «Crestes», como ainda hoje se diz e escreve. No começo foi pois propriedade dos «Sás Soutomaiors», que viveram em S. Salvador do Campo, em Buarcos e em Coimbra. Há muita descendência de João Gonçalves — o de Crescente — e de sua mulher D. Felipa de Sá, hoje em representantes de famílias de autêntica fidalguia, muito ramificadas.

Decerto só interessa, no estudo da Freguesia, a interessante origem do nome da «Quinta de Crestes». A parte, propriamente genealógica, está, muito bem estudada, na obra «O Poeta do Neiva» do falecido D. José de Sousa Machado, de Braga.

Mens de Sá que pelos Brazis andou dilatando a fé e o Império, Sá de Miranda e Sá da Bandeira todos irmãos, nasceram na Casa de Crestes. O português que no Santuário da Penha, no Brasil, tanto honrou Portugal, a Igreja, e a glória. Arquidiocese de Braga e a própria batina — Mons. Rocha — exultou de alegria quando descobriu um documento autêntico donde consta este facto. Na sua última vinda a Portugal, Mons. Rocha quis ver a linda aldeia onde nasceu Mens de Miranda; aproveitando também esta ocasião para visitar a família de um dos seus auxiliares, na Penha, embora humilde, — o motorista José Salgueiro.

Mons. Rocha foi digna e festivamente recebido pelo povo e pelo Pároco do Campo. Mons. Rocha agradeceu num belo discurso. O Pároco também falou, bem como um jovem.

Mais tarde, José Salgueiro contou-me a alegria que sentiu Mons. Rocha com esta descoberta. São estas coisas que embora pareçam pequenas, acendem nas grandes almas as labaredas do amor da Pátria, quando distantes dela.»

Aquela achega do Sr. Lobari-nhas também nos diz:

«Mem de Sá, fundador da cidade do Rio de Janeiro e 3.º governador-geral do Brasil (1556-1572), falecido na cidade da Baía, em 1572 (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. 26 páginas 452).

Insistiu na fundação do Rio de Janeiro, tão recomendado ao Monarca por Tomé de Sousa e por Nóbrega (A cidade do Rio de Janeiro e suas Dívidas. Páginas 169).

Era filho do Cônego Gonçalo de Sá, nascido na Quinta de Crestes, em Salvador do Campo, Barcelos (Revista Genealógica Brasileira, n.º 4 páginas 366) e de D. Inês de Melo (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira vol. 26 páginas (81).»

e diz-nos ainda do 1.º governador do Rio de Janeiro:

«Salvador Correia de Sá, filho de D. Felipe de Sá irmão de Men de Sá, e de Salvador Correia da Costa, dos Correias de Fariães (?) Senhor do Couto da Quinta de Peneboa em Barcelos (Revista Genealógica Brasileira n.º 4 páginas 365 e n.º 2 páginas 461 — São Paulo) nasceu na Quinta de seu pai (Revista Genealógica Latina, vol. 7 páginas 93 e 97).

Foi o 1.º governador do Rio de Janeiro, tendo governado duas vezes. Construiu a primeira igreja de pedra e cal, no Marco do Castelo, dedicando-a a S. Sebastião, padroeira da cidade (A cidade do Rio de Janeiro e as suas Dívidas, páginas 71).

Em 1598 foi nomeado superintendente das Minas de Ouro. Possuía uma sesmaria (?) na Ilha, que por tal motivo é ainda chamada Ilha do Governador.»

Pretendiam ainda escrever e procurar mais algo sobre Estácio de Sá, que também anda intimamente

Aziúmes dum homem de mau humor

(Continuação da pág. 1)

povo não lhe compra as obras, não os lê...

E o mais curioso é que, todos ou quase todos esses escritores, se consideram escritores populares, intérpretes desse mesmo povo.

Não. O que eles descrevem é um povo falso, irreal, inexistente, que não é o povo português, salvo, evidentemente, um ou outro escritor mais fiel, mas muito raro.

Não é, pois, de estranhar que esses escritores, divorciados do verdadeiro modo de sentir do verdadeiro povo, tenham tomado a estúpida atitude de preencher o trabalho em causa — escrito numa autêntica *lingua de trapos*, que nem sequer é o português vernáculo, nem nenhum dos muitos dialectos falados de Castro Laboreiro a Ramelau, antes, sim, uma *ultra-algarviada* correspondente à pintura abstracta, mas daquela que ninguém percebe.

Possivelmente, nem leram o livro. Tratar-se-ia de um prémio dado com a mesma consciência com que foram negados ao escritor Garibaldi de Andrade, aí por 1960, certos prémios literários do município de Sá da Bandeira, em que um dos membros do júri, declarou, nos jornais, que não lera o livro apresentado a concurso. Um tal Bettencourt, se bem me lembro, foi esse membro do júri, tão consciente da sua função!...

A reacção continental também foi importante, admitindo a existência de um *terrorismo de rectaguarda* que, tanto pode ser actuante cumplicidade com os inimigos de Portugal que na Guiné e em Angola, combatem contra a Pátria, e, consequentemente, é traição consciente à Pátria, como pode ser egoística indiferença pelos que, na Guiné, em Angola, ou algures, lutam por Portugal.

Esta última atitude é que é muito de reacar, pelo que pode ter de consequências morais e sociais de grande gravidade.

Os que não foram à guerra, os que não pegaram em armas para defender os sacrossantos interesses da Pátria, ficaram na rectaguarda, defendendo os seus interesses pessoais, egoisticamente, locupletando-se, tantas vezes, à custa do sangue generoso dos combatentes, do seu sacrifício — ou das suas famílias.

Quando regressa o combatente, que se portou bem, que pode ter sido um bravo, um herói — é incómodo para os que ficaram à rectaguarda e não querem reconhecer seus meritórios serviços, ou, relutantemente, os reconhecem.

Esta atitude é de sempre: a História fala-nos do inválido legionário romano, coroado de louros na frente da batalha, e que pedia esmola por não encontrar trabalho na Roma que ajudara a salvar.

NASCIMENTO

Está de parabéns o nosso prezado amigo Sr. Jorge Cupertino Lamela da Silva, por sua dedicada esposa, Sr. Prof. D. Maria Isolina Gomes da Costa, ter dado à luz uma menina, a primogénita.

Os nossos parabéns.

ligado a estes factos. É sobrinho de Mem de Sá e deve ser descendente dos de Crestes, da muita descendência de João Gonçalves de Crestes e de D. Felipa de Sá. Mas mais não podemos apurar e como esta já vai longa, esperemos outra oportunidade ou outros ensinamentos e melhores certamente, que estes arrazoados possam levantar.

Parece portanto concluir-se que Barcelos está intimamente ligado à fundação do Rio de Janeiro e não vemos que ao facto tenha sido dado qualquer realce nestes tempos limiares das festas comemorativas do seu 4.º Centenário.

Será tempo ainda de se tornar mais conhecido o facto, o que competirá às entidades oficiais, pois tudo será em bem para o nome de Barcelos, tão carecido de que para ele seja olhado com respeito, se mais não for pelos presentes, ao menos que o seja pelo respeito e importância que outrora tiveram os seus filhos.

Ao Senhor Presidente da Câmara, Ex.º Dr. Luís Fernandes Figueiredo aqui deixo estes apontamentos, despretenciosos aliás. A quem quer mais que seja os deixo também, agora com a finalidade de serem ampliados ou corrigidos se for caso disso.

Mário Azevedo

Como estes, outros casos mais.

Por vezes, a egoística união de interesses coligada contra o ex-combatente, é tão forte, tão cerrada e tão sórdida, que o atingido não pode resistir.

Foi o que aconteceu com Mouzinho de Albuquerque, o glorioso vencedor do Gungunhana.

Foi o que aconteceu com o capitão Luiz Gonzaga, herói da Grande-Guerra de 1914-18, e que morreu num desastre do seu avião...

A Pátria não costuma ser ingrata para aqueles que defendem a sua soberania e legisla a favor deles, dando-lhes preferência em empregos e colocações, concedendo-lhes matrículas gratuitas nas escolas, etc.

Mas, depois, os Gungunhanas desta *Selva de infinitos Gungunhanas* como escreveu Afonso Lopes Vieira, interpretam a lei à sua maneira, intrigam, manobram... e o defensor da soberania acaba por socobrar ante a sordidês do ambiente, imoral, indigno.

É por isso que me confrange a injustiça contra os que, no cumprimento de um dever, pegaram em armas e foram defender a soberania em Angola, na Guiné, algures, impondo o nome de Portugal.

Seja negarem-lhes, em concurso, os direitos concedidos por lei, seja não lhes abrirem as portas do trabalho — como se vê pelos pedidos de colocação, que aparecem nos jornais, a favor dos militares regressados do Ultramar.

Quem esquece as lições da História está condenado a vê-la repetir-se — escreveu Santayna.

Pode evitar-se, ainda é tempo, a repetição da História.

Se, por um lado, o pulso forte, que extinguiu a nefanda Sociedade Portuguesa de Escritores, pode obrigar os infinitos Gungunhanas de tantos serviços e repartições a respeitar a lei em favor dos combatentes, por outro lado, os portugueses de boa-vontade podem fazer muito, acolhendo, nas suas oficinas, nas suas lojas, nos seus escritórios, nas suas fábricas, nas suas empresas, os defensores da soberania que, tendo cumprido o seu dever, regressam esperanças em encontrar o pão de cada dia na Pátria que defenderam.

Falcão Machado

Ganhe dinheiro cultivando Milhos Híbridos

Se possui uma boa terra de regadio de boa capacidade produtiva, ganhe mais dinheiro cultivando milhos híbridos. Não se preocupe que a sua cultura seja mais cara que a do milho regional pois o que para si é importante é que esse aumento de despesa seja largamente compensado pelo acréscimo de receita e isso verifica-se realmente; a comprová-lo está o facto de em todos os países evoluídos o milho híbrido ter destronado completamente o milho regional.

Cultive milho híbrido CUF. Dê especial atenção aos pontos essenciais da sua cultura e verá que ganha dinheiro...

Escolha a variedade mais conveniente.

Mobilize bem a terra, fazendo lavouras profundas e preparando uma boa «cama para a semente». Aplique o estrume indispensável: nunca menos de 3 carros de estrume de corte por 1 000 m², e sempre que possível, uns 4-5. Adube convenientemente. Embora a adubação a aplicar dependa de vários factores impossíveis de considerar num simples artigo, indicamos, a título de orientação, as seguintes adubações que têm provado bem:

A) Cultura de regadio
Adubação de fundo (antes da sementeira):

Em solos médios, sem abundância de água:

Fosfamónio 121 60-70 kg/1 000 m²

Em solos ricos, com abundância de água:

Foskamónio 111 50-60 kg/1 000 m²

Adubação em cobertura:

a) Milhos semitardios, muito produtivos.

1.ª cobertura (antes da arrenda ou 2.º sacho):

Ureia 20 a 25 kg/1 000 m²

ou Nitro-Amónico 20, 5% - 40 a 50 kg/1 000 m²

2.ª cobertura (ao lançamento da bandeira, depois de uma rega — kg/1 000 m²)

(Continua na página 4)

Traça da Uva

Para combater esta praga, que nesta altura ataca a VINHA, aplique

NEVISOX

O melhor e mais eficaz insecticida para atacar a traça da uva (1.ª e 2.ª gerações).

À venda na
CASA SIALAL
BARCELOS

O Barcelense Desportivo

Inter, 1 — Benfica, 0

(Visto na TV)

Se há algum factor que justifique a existência da TV em Portugal, ele é o futebol — e o Benfica. Pela quarta vez, centenas de milhares de portugueses puderam assistir, emocionados, ao jogo decisivo da Taça dos Campeões Europeus em que o Benfica foi um dos participantes. Uma vez mais, o futebol polarizou o interesse e a atenção dos portugueses, que seguiram emocionados, no pequeno rectângulo mágico, as peripécias da partida, desfavorável ao Benfica.

Tal como aconteceu em Londres, há dois anos, o Benfica voltou a não ser feliz com uma equipa de Milão: em Wembley foi Coluna o lesionado, em San Siro Costa Pereira, mas este magou-se aos 12 minutos da segunda parte, já o Inter venceu por 1-0, golo marcado pelo brasileiro Jair aos 43 minutos. A lesão de Costa Pereira pode ser uma atenuante para a derrota, embora possamos admitir, também, que com ele na baliza, a derrota poderia ter sido mais volumosa.

Em futebol, em casos como este, nunca se poderá afirmar, com segurança, se constitui uma desvantagem de tomo contar-se com um jogador a menos. Contra o Inter, o melhor período do Benfica — mas não aquele em que praticou melhor futebol — foi precisamente a meia hora final do jogo, com Germano na baliza, efectuando apenas três fáceis intervenções. O Benfica cresceu, agigantou-se, começou a jogar em velocidade, com determinação e garra, pondo de lado o futebol tecnicista do primeiro tempo. Foi uma reacção empolgante, emotiva, a dos jogadores benfiquistas, zangados com os acontecimentos, procurando com vontade férrea modificar o resultado. Mas o Inter, sentindo o jogo na mão, abrandou nitidamente, consentindo, mais do que lhe foi imposta, a superioridade encarnada. Porque, enfim, para o Inter é quase uma banalidade defender um resultado, na segunda parte, com uma bola de vantagem e os seus jogadores pouparam-se: eles têm ainda para disputar — e decerto para ganhar — o Campeonato e a Taça de Itália, e a Taça Interecontinental.

Para lá da vantagem de jogar em casa, o Inter exibiu um futebol mo-

derno (o italiano) que há três anos conquista a Taça dos Campeões Europeus, sucedendo ao remado das equipas praticantes do enmado jogo de ataque, o Real Madrid e o Benfica. De que maneira joga o Inter? Herrera afirmou há dias que o sector defensivo joga de olhos vendados; mas não só este; toda a equipa joga de olhos fechados, mas, ao contrário do que se poderá supor, o futebol interista é sempre imaginoso, acutilante, diferente: é frequente o passe longo, de 30 e 40 metros, o cruzamento largo, o ataque fulminante partindo do defesa, a concentração a meio campo, a embalar e a adormecer o adversário, para de repente desferir uma perigosa estocada. Sob o aspecto tático, o Inter, em princípio, dispõe os jogadores do seguinte modo: 1-4-2-3, mas é tática maleável, que concede aos defesas serem avançados e estes defesas.

O Inter é uma equipa que normalmente vencerá o Benfica, seja em Milão, Lisboa, na Arábia ou na Patagónia. Mas o Benfica, acentue-se, que jogou em San Siro, com aqueles jogadores, e o mesmo treinador, incorrendo nos mesmos erros: a confissão implícita da superioridade do Inter (que não modificou nada) ao alterar a habitual formação de ataque, abdicando do extremo José Augusto, perdido numa ingloria tarefa no meio campo. Não se pode mudar, como se muda de camisa, o processo de jogo cimentado numa equipa. Schwartz tentou fazê-lo, e o Benfica perdeu. O mesmo aconteceu há, pouco ao Real Madrid, em Lisboa, «encaixando» 5-1 causados por manobra defensiva inabitual na equipa. Schwartz chega ao fim da época sem ter personalizado o futebol benfiquista, sem que chegasse a haver um «futebol de Schwartz, como houve um «futebol de Guttman» e um «futebol de Riera».

E essa foi a causa principal da derrota do Benfica, para além da inexistência de Eusébio, severamente policiação no momento do remate: a falta de um futebol sistematizado, como o do Inter, de uma estrutura de jogo, que se sobreponha, mas não o impeça, ao lance, ao futebol individual.

J. J. ROD

Ganhe dinheiro cultivando Milhos Híbridos

(Continuação da página 3)

Nitro-Amoniacal 20, 5% 7,5 a ou Nitrato do Chile ou de Cal... 10 a 15 kg/1 000 m²

b) Milhos de ciclo curto ou médio, igualmente produtivos

Cobertura na altura da arrenda ou 2.º sacho:

Ureia 15 a 20 kg/1 000 m² ou Nitro-Amoniacal 20, 5% 35 a 40 kg/1 000 m²

Não devemos esquecer que os milhos híbridos só revelam toda a sua capacidade de produção quando dispõem de elementos nutritivos em abundância pelo que não é aconselhável procurar reduzir as adubações.

Uma adubação completa tem também influência no peso do grão que passa a não fazer diferença do regional.

Lembre-se que esta adubação deve ser respeitada, pois se não der ao milho «comida» suficiente e de qualidade ele não pode produzir aquilo que deles espera.

Trate a semente contra o alfinete, usando Alfigama, ou, se costuma ter ataques muito fortes desta praga ou de moscas, desinfestar mesmo o terreno, com um adubo insecticida.

Semeie à linha ou ao covacho, deixando entre linhas 60-80 cm e, na linha 25-35 cm, com 2-3 grãos em cada «casa». Na altura da primeira sacha proceda ao desbaste, deixando 3 a 6 plantas por metro quadrado (este número deverá ser tanto mais elevado quanto mais rico for o terreno, mais água houver e mais precoce for o híbrido preferido).

A «época de sementeira» deverá ser o mais cedo possível (evitando as geadas), pois normalmente, o híbrido é tanto mais produtivo quanto maior for o seu ciclo. Empregue por hectare 25-30 kg de semente. Para se conseguirem os mais elevados rendimentos é fundamental renovar todos os anos a semente.

O grão que se colhe perde as suas qualidades produtivas e usá-lo nas futuras sementeiras é contribuir para uma redução considerável das colheitas.

Combata as lagartas (Sesamia, Pirale, etc.) e outras pragas que normalmente prejudicam a produção.

Como medida profiláctica de grande interesse recomenda-se ainda:

1.º — Após a «colheita», enterrar profundamente ou queimar os restos das plantas ainda existentes no terreno;

2.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

Se precisa alimento para o seu gado, semeie um pouco de milho ou de sorgas, em vez de tirar a bandeira ou pendão ao seu milho, antes deste estar maduro. Com efeito, a forragem obtida com o «desbandeamento», vale menos do que o prejuízo em quilograma de grão, que tal prática causa.

3.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

Se precisa alimento para o seu gado, semeie um pouco de milho ou de sorgas, em vez de tirar a bandeira ou pendão ao seu milho, antes deste estar maduro. Com efeito, a forragem obtida com o «desbandeamento», vale menos do que o prejuízo em quilograma de grão, que tal prática causa.

4.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

5.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

6.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

7.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

8.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

9.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

10.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

11.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

12.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

13.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

14.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

15.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

16.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

17.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

18.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

19.º — Semear precocemente. Regue bem e oportunamente, e faça as sachas e mondas que houver necessidade, não deixando invadir o terreno pelas ervas infestantes.

Anúncio publicado em «O Barcelense», em 29-5-1965, no n.º 2819

Tribunal Judicial de Barcelos

(SECRETARIA)

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que pelo Juízo de Direito da comarca de Barcelos e 2.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial correm éditos de 30 dias, contados da publicação do 2.º anúncio, citando CARLOS ALBERTO CARDOSO NEIVA, solteiro, maior, operário fabril, ausente em parte incerta da França e com última residência na freguesia de Abade do Neiva, desta Comarca, nos autos de Acção Sumária que JOÃO RAFAEL CARDOSO NEIVA e mulher MARIA DA GLÓRIA GOMES DIAS, da freguesia de Vila Boa S. João, desta comarca e outros, movem contra SÉRGIO CÂNDIDO LOPES DOS SANTOS viúvo, proprietário, residente nesta cidade de Barcelos, e outros, para no prazo de 10 dias, a contar da citação, que começa a contar-se findo o da dilação, vir àquela acção, na qual foi requerida pelos autores a sua intervenção como parte principal, apresentar o seu articulado ou fazer a declaração de que faz seu o articulado da parte a que deve associar-se. Naquela acção pedem os autores em resumo que a mesma seja julgada procedente e provada, declarando-se nulos os pretensos contratos de compra e venda titulados pelas escrituras de 4 de Outubro de 1935 e de 7 de Outubro de 1961, lavrados no Cartório Notarial de Barcelos, ordenado o cancelamento dos registos que, com base em tais escrituras, foram efectuadas na Conservatória do Registo Predial e constam respectivamente das inscrições números 16 696 do livro G, 19 a folhas 93 v.º e 31 750 do livro G 35, a folhas 161 v.º, condenando-se os réus a como nulos reconhecerem tais contratos, nas custas e demais imposições legais.

Barcelos, 6 de Maio de 1965.

O Escrivão de Direito,

Joaquim Pinto Coelho

16 VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

Traça da Uva

Para combater esta praga, que nesta altura ataca a VINHA, aplique

NEVISOX

O melhor e mais eficaz insecticida para atacar a traça da uva (1.ª e 2.ª gerações).

À venda na

CASA SIALAL

BARCELOS

Falta de espaço

Pedimos desculpa aos nossos leitores e à Sr.ª Dr.ª D. Rosa Maria Salgado Torres por ainda neste número não transcrevermos a sua brilhante conferência, proferida no dia da «Semana do Ultramar», na Escola Técnica de Barcelos.

robustos e funcionais...

LOMBARDINI

MOTORES DE FAMA MUNDIAL

UMA MÁQUINA DE CARACTERÍSTICAS EXCEPCIONAIS...

ótima para o trabalho nas vinhas, pomares e terrenos inclinados.

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:



CORRÊA & CARDOSO
Telefone 82442 BARCELOS

PASF PORTUGUESA, S.A.R.L.

Anilinas e Produtos Auxiliares
Produtos Químicos
Matérias Plásticas
Resinas Artificiais
Adubos NITROPHOSKA
Insecticidas, Fungicidas, Herbicidas

Representantes da
BADISCHE ANILIN-& SODA-FABRIK AG, LUDWIGSHAFEN AM RHEIN, REP. FEDERAL DA ALEMANHA



Cerâmica Infante D. Henrique, L.ª Secretaria Notarial de Barcelos

Constituição de Sociedade

João Alves de Faria, Ajudante da Secretaria Notarial de Barcelos:

Certifico — para efeitos de publicação — que por escritura de cinco de Maio de mil novecentos e sessenta e cinco, lavrada de folhas noventa e três a folhas noventa e cinco, do livro de escrituras diversas número B-vinte e cinco, do Primeiro Cartório, desta Secretaria, a cargo do notário Dr. Vitor António Marques Júnior, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada entre: António Lopes de Oliveira, casado; António Augusto Araújo São Bento, solteiro, emancipado; Arménio Abreu Oliveira, casado e Manuel Abreu de Oliveira, casado, todos industriais, residentes na freguesia de Galegos, Santa Maria, do concelho de Barcelos, nos termos e com as cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «Cerâmica Infante D. Henrique, Limitada», tem a sua sede no lugar de Magrou, da freguesia de Manhente, concelho de Barcelos, terá o seu início em um de Julho do corrente ano de mil novecentos e sessenta e cinco e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO

O seu objecto é o fabrico e venda de louças de barro ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei, que à sociedade convenha explorar.

TERCEIRO

O capital social é de quatrocentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, dividido em quatro quotas de cem mil escudos cada, pertencendo uma a cada um dos sócios.

QUARTO

A cessão de quotas a estranhos, fica dependente do consentimento da sociedade à qual é reservado o direito de preferência.

QUINTO

Os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade que serão lançados a crédito de contas especiais, para serem retiradas nos termos e condições que se convençionarem, e vencerão ou não juros, conforme for deliberado.

SEXTO

A administração ou gerência da sociedade será exercida por todos os sócios, com dispensa de caução e vencendo ou não remuneração conforme for deliberado.

Parágrafo Primeiro — Para a sociedade ficar obrigada, basta que os respectivos actos ou documentos sejam em nome dela assinados por dois gerentes, salvo tratando-se de actos de mero expediente, os quais valerão com a assinatura de um só gerente.

Parágrafo Segundo — É expressamente vedado obrigar a sociedade em letras de favor, abonações, fianças e quaisquer outros assuntos que não digam respeito aos seus negócios, respondendo os sócios que assim a obrigarem, pessoal e ilimitadamente, pelos prejuízos que desses actos possam advir.

SETIMO

Os balanços fechar-se-ão em trinta e um de Dezembro de cada ano.

OITAVO

Os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos cinco por cento para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas. Do mesmo modo serão suportados os prejuízos, se os houver.

NONO

No caso de dissolução, a liquidação será feita, na falta de acordo, por árbitros nomeados um por cada sócio.

O que certifico está conforme com o original, e na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Barcelos e Secretaria Notarial, aos 11 de Maio de 1965.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

João Alves de Faria

CESAR CARDOSO
ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9
Telefone 82447 BARCELOS

Laurinda Vieira

PARTEIRA-ENFERMEIRA
— DIPLOMADA —

Partos, Injecções, Tratamentos
Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 172

Telef. 82485 BARCELOS

FAZEM ANOS

No dia 24 completou 33 anos o nosso prezado amigo e assinante, Sr. Manuel Ferreira Saraiva, actualmente a residir em Lisboa.

Os nossos parabéns.
— Amanhã tem a sua festa de aniversário a Sr.ª Ludovina Correia Calheiros, esposa do nosso estimado assinante Sr. Jorge Costa, agente da P. S. P., no Porto.
Muitas felicidades.

Habilitação Notarial

João Alves de Faria, Ajudante da Secretaria Notarial do Concelho de Barcelos:

Certifico, para efeitos de publicação, que, no dia vinte e um de Maio de mil novecentos e sessenta e cinco, foi lavrada de folhas vinte e oito, verso a folhas trinta e seis, do livro de escrituras diversas, número B-vinte e seis, do Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Barcelos, escritura de habilitação por óbito de Júlio Fernandes da Costa, falecido em sete de Novembro de mil novecentos e sessenta e quatro, no lugar da Quintão, da freguesia de Ucha, deste concelho de Barcelos, onde residia e donde era natural, no estado de casado, em primeiras núpcias de ambos e segundo o regimen da comunhão geral de bens, com Maria Emília Gomes da Costa, natural e residente na mesma freguesia da Ucha, tendo feitos doações em doze de Fevereiro e dezasseis de Junho de mil novecentos e cinquenta e três, por escrituras lavradas, respectivamente, de folhas seis verso a folhas sete verso e de folhas dezasseis, verso a folhas vinte e uma, dos respectivos livros números quinhentos e quatro e quinhentos e oito do então-notário desta Secretaria, Doutor Graça Faria, e deixado testamento celebrado em sete de Fevereiro de mil novecentos e cinquenta e dois, de folhas trinta e sete a folhas trinta e oito do competente livro número setenta e seis, no mesmo Notário, Doutor Graça Faria;

Que o mesmo falecido, Júlio Fernandes da Costa, deixou como únicos herdeiros os seguintes filhos legítimos:

José Fernandes, lavrador, casado com Maria Emília de Macedo Gomes de Araújo, natural e residente na dita freguesia da Ucha; — Alberto Fernandes da Costa, lavrador, casado com Alice Martins Ferraz, natural e residente na mesma freguesia da Ucha; — Maria Júlia de Assunção Fernandes que também assina e usa o de Maria Júlia Assunção Fernandes Vieira, doméstica, casada com António Soares Vieira, natural da dita freguesia da Ucha e residente na de São Paio de Merelim, do concelho de Braga; — Arménio Júlio Fernandes Costa, solteiro, maior, empregado comercial, morador nesta cidade, natural da dita freguesia da Ucha; e Ana Casimira Fernandes Costa, solteira, maior, doméstica, natural e residente na dita freguesia da Ucha;

Que não há outras pessoas que, segundo a lei, preferam aos indicados herdeiros ou com eles possam concorrer na sucessão à herança do mencionado Júlio Fernandes da Costa; O que certifico está conforme com o original, e que na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Barcelos e Secretaria Notarial, aos vinte e cinco de Maio de mil novecentos e sessenta e cinco.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

João Alves de Faria

O Ajudante da Secretaria Notarial,

João Alves de Faria

Farmácias de Serviço

Amanhã, Domingo encontram-se de serviço permanente

FARMÁCIA MODERNA
Largo da Porta Nova

Em Barcelinhos: J. ALVES DE FÁRIA
Rua Miguel Miranda

Agora ainda melhor

com a nova suspensão HIDROLASTIC



MORRIS 850

A. M. ALMEIDA, L.DA

LISBOA

PORTO

GARAGEM CASTRO

Oficina de Reparações de Automóveis

Telefones 82625 e 82408

BARCELOS

AIRÓ

MES DE MARIA — Está quase a terminar o mês de Maio, mês da flor e de Maria. Por isso tem havido aqui na freguesia como na maior parte do concelho, a devoção à Santíssima Virgem, efectuada na Igreja Paroquial.

As solenidades têm decorrido com muita frequência de devotos, porque todos têm algo a pedir e a agradecer à Santa Virgem do Céu. Mesmo há que prestar justa homenagem ao nosso reverendo pároco que não se tem poupado a esforços para que nas duas freguesias que tão bem pastoreia não faltem as devoções do calendário litúrgico o que tem conseguido com muitos sacrifícios mas sempre com elevação para bem dos seus paroquianos que o estimam.

Que a Virgem do Céu tenha entrado no coração de todos os habitantes de Airó e ajude o nosso reverendo Padre.

C.

ALVELOS

Romagem — Vai haver no próximo dia 30, na nossa vizinha freguesia de Carvalhal (S. Paio), presidida pelo seu Pároco Rev.º Sr. Padre Manuel de Sá Domingues de Oliveira, com concentração e partida da sua igreja, uma Romagem de Piedade a «Nossa Senhora da Franqueira», seguindo-se naquele Santuário, Missa acompanhada de cânticos e Comunhão Geral em Acção de Graças, pedindo a protecção dos nossos militares do Ultramar. De tarde haverá recitação do Terço, Sermão pelo Rev.º Senhor Prior de Barcelos, Procissão e Bênção do Santíssimo Sacramento. Lembremos a todas as pessoas que possam tomar parte nesta Romagem de Piedade de o fazer, a fim de conseguirmos o regresso com vida e saúde de todos aqueles jovens.

A Confraria vai distribuir estampas nos familiares dos soldados para lhes ser enviadas.

Serviço Militar — Esta freguesia continua a fornecer militares para as nossas Províncias Ultramarinas.

Embarcou no dia 21 do corrente o jovem nosso amigo e conterrâneo Sr. João Cândido Ferreira da Silva, soldado n.º 89-64, da C. D. M. M. do Entroncamento, filho do Sr. António da Silva. Apesar de deixar sua mãe, Sr. Maria Isaura Fernandes Ferreira, parálitica, não hesitou em ir defender a nossa Pátria em Moçambique. Desejamos-lhe boa viagem e muitas felicidades, bem como a todos os seus companheiros.

Inspeção Militar de Mancebos — Realizar-se-á no próximo dia 8 de Junho no Edifício da Câmara Municipal a inspeção dos mancebos reconhecidos por esta freguesia para prestarem serviço nas fileiras do exército, no próximo ano de 1966. Previnem-se todos os mancebos sujeitos à inspeção de que devem comparecer no referido dia para a qual

PELO CONCELHO

se encontra edital afixado no lugar do estilo, a fim de evitarem penalidades.

Doente Internado — Encontra-se doente, internada na Casa de Saúde de S. Lázaro, da cidade de Braga, a fim de ser submetida a uma intervenção cirúrgica a Sr.ª D. Delfina Gonçalves Lima, dedicada esposa do Sr. Fernando Gomes Boucinha, nosso amigo proprietário negociante de vinhos, residente nesta freguesia.

Nós e «O Barcelense» desejamos um rápido restabelecimento de melhoras e muitas felicidades.

Vacina da Raiva — Vai haver no próximo dia 5 de Junho no lugar do costume a vacina dos caninos desta freguesia. Como sabemos foi um obra da Intendência Pecuária que tem dado maravilhoso efeito, mas precisamos todos nós fazer cumprir a Lei, para evitarmos tratamentos sérios e urgentes quando aparecerem animais raivosos.

Visita — Encontra-se junto de sua família regressado há dias de trabalhar na Companhia Agrícola de Pomboquei — Província de Angola, o Sr. Francisco da Cunha e Silva desta freguesia.

J. A. B.

FRAGOSO

E já nos dias 28, 29 e 30 que, como temos noticiado, vai efectuar-se nesta freguesia a Romaria à Senhora do Livramento, com o seguinte programa.

De 21 a 29 — Novena a Nossa Senhora do Livramento e confissões preparatórias para a festa em Sua Honra;

Dia 29 — De manhã, entrada de um numeroso e atrevido grupo de Zés-Pereiras;

As 14 horas, entrada no arraial ornamentado à moda do Minho das afamadas bandas de música de Pinheiro da Bemposta e S. Joanense (Albergaria-a-Velha);

As 21 horas terá início o grande festival nocturno que constará de certame musical, feéricas iluminações e fogo de artifício fornecido por afamados pirotécnicos, o qual se prolongará até à meia-noite.

Dia 30 — Ao romper da aurora uma estrondosa salva de tiros anunciará as solenidades deste dia;

As 6 horas missa e comunhão geral.

As 10 horas, missa festiva, acompanhada a grande instrumental e sermão por um distinto orador sagrado, professor do Seminário de Braga.

As 13.30 horas, subirá ao púlpito o mesmo distinto orador e em seguida organizar-se-á uma majestosa procissão, em que tomarão parte as confrarias, associações, juventude, cru-

zada Eucarística das crianças, bandeiras da paróquia, vários andores, muitos anjinhos e figuras alegóricas. Recolhida a procissão será feita a Consagração ao Imaculado Coração de Maria, sendo cantado um Adeus à Virgem do Livramento pelo grupo coral da Freguesia. No recinto das festas além de concertos musicais haverá ainda diversos divertimentos.

Os senhores forasteiros poderão ainda apreciar os jardins junto dos cruzeiros habilmente executados pelos rapazes e raparigas, a despique.

HINO A NOSSA SENHORA

Senhora do Livramento
Mãe dum filho bem amado...
Ouví as mães que se aturam
De ver um filho soldado.

Senhora do Livramento,
Compartilhai nossa dor...
Ponde nosso valimento
Em nossa ajuda e favor.

Estas quadras são da autoria do Senhor Padre Beirão, que durante muitos anos pastoreou a nossa freguesia com muita dedicação e zelo apostólico.

T. Vieira

VILA COVA

Festas de S. Brás — Soubemos, com grande alegria, que as Festas de S. Brás, que o ano passado atingiram intenso brilho, se irão realizar com grande brilhantismo nos dias 17 e 18 de Julho.

A Comissão executiva, que já trabalha intensamente, para promover as tradicionais e imponentes festas, já contratou as duas afamadas bandas de música de S. Paio de Antas e Póvoa de Varzim, as quais abrilhantarão estas imponentes festas. As casas de ornamentação serão as mesmas do ano anterior.

Parabéns à Ex.ª Comissão, pela forma como no ano anterior souberam revestir de grande brilho os mesmos festejos.

Oportunamente referir-nos-emos à programação elaborada pela Dig.ª Comissão que tem procurado revestir de grande brilho estas tradicionais Festas, que este ano tem a presidência do Rev.º Padre António Alves Moreno, muito digno Pároco de Vila Cova.

Baptizado — No último domingo na Igreja Paroquial recebeu as águas lustrais do baptismo a menina Maria do Céu Miranda Novais, filha do Sr. António Alves Novais, e de D. Carolina Carvalho de Miranda, residentes no lugar da Portela, desta freguesia.

Anúncio publicado em «O Barcelense», em 29-5-1965, no n.º 2819.

Tribunal Judicial de Barcelos

(SECRETARIA)

ÉDITOS DE 30 DIAS

2.ª Publicação

Para os devidos efeitos se faz saber que por este Juízo e primeira secção, correm seus termos uns autos de acção com processo sumário, proposta pela junta de Freguesia de Cossourado, desta comarca, contra FRANCISCO DA COSTA BARROS e mulher MARIA FREITAS DUARTE, esta residente naquela freguesia e ele ausente em parte incerta da França e com o seu último domicílio na já citada freguesia de Cossourado, para cuja acção o dito réu FRANCISCO DA COSTA BARROS é citado por éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, para no prazo de dez dias, depois de findo o prazo dos éditos, contestar, querendo, a referida acção, na qual aquela autora pede que os réus sejam condenados a reconhecer que o terreno inculco, de mato, sito no lugar do Monte, freguesia de Cossourado, desta comarca, a confrontar do nascente com rego de águas bravas e de rega, e do poente, sul a norte, com caminho, tem a natureza de baldio paroquial e por consequência, obrigados a desfazer as obras e inovações que nele fizeram, a retirar dele todos os materiais, tudo de forma, a que fique no estado anterior à usurpação, com livre acesso a ele dos moradores.

Barcelos, 15 de Maio de 1965.

O Escrivão de Direito,
Aires Augusto da Silva

VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

Foram padrinhos o Sr. Tiago Novais Alves e a Sr.ª Arminda Alves Cachada, naturais desta freguesia.

Aos pais da neófito os nossos parabéns.

T. N. ALVES

Mercearia -- Passa-se

Em Vila Boa S. João passa-se uma mercearia, bem afreguesada, por motivo de retirada.

Ver e tratar no mesmo local, no lugar da Estrada.

Traça da Uva

Para combater esta praga, que nesta altura ataca a VINHA, aplique

NEVISOX

O melhor e mais eficaz insecticida para atacar a traça da uva (1.ª e 2.ª gerações).

A venda na

CASA SIALAL
BARCELOS

Aluga-se

Aluga-se quinta com água de lima e toda regada. Sustenta 5 cabeças de gado.

Informa Quinta da Torre, em Santa Eugénia.

Vende-se

Balança, uma medidora para azeite e um facão, próprio para mercearia, vendem-se.

Informa esta Redacção.

TERRENO

Ao quilómetro 2 da Estrada Nacional n.º 20, Barcelos a Prado, Vende-se.

FALAR A

Martins, Estação ou R. Dr. Barbosa de Castro, 13

PORTO

Automóvel

Automóvel FREGATE, todo revisado de novo, vende-se ou troca-se por carro mais pequeno.

Para ver, Garagem Machado, Barcelos.

Guarda-Livros

«GRUPO A. P e C e EMPRESAS» Desenvolvidos conhecimentos; bastante experiência modernas técnicas contabilidade, organização, gestão orçamental e custos.

«ACEITA ou ORIENTA escritas».

Resposta à administração por carta ao n.º 15

Agentes do Norte da «MORRIS» em Barcelos Cartas aos que sofrem

Uma grande organização, como é a Firma A. M. de Almeida, tem necessidade de periodicamente reunir os seus agentes para, além das costumadas «lições» sobre técnica de vendas, estreitar os laços de amizade e camaradagem que devem existir entre colaboradores duma casa que tem agentes em todo o Portugal e que se tornou, mercê do seu desenvolvimento económico-industrial-comercial, um baluarte na economia nacional.

Quem fala de A. M. de Almeida associa o nome «Morris», um veículo moderno, utilitário que reúne segurança e economia, aliado a uma técnica estudada cientificamente, que faz dos veículos «Morris» os gigantes das estradas de todo o mundo.

A Barcelos coube desta vez a primazia de organizar essa reunião de Agentes da «Morris», através da Firma Barcelense Manuel G. de Castro, nome bem conhecido no ramo automóvel, e agente nesta cidade dessa reputada marca de automóveis.

Assim, terça-feira última os Agentes Morris do Norte reuniram-se em Barcelos. Presentes também nomes ilustres da nossa indústria automóvel como os Srs. Dr. Bernardo Mendes de Almeida, Dr. Eduardo Rego Machado, Eng. João Vieira de Campos, José Luis Costa Bastos que se deslocaram a Barcelos para presidirem a esta «festa» de confraternização «Morris».

Depois de visitar as instalações da Garagem Castro, os Agentes Morris de Braga, Guimarães, Felgueiras, Famalicão, Paredes, Trofa, Vila Real, Póvoa de Varzim, Marco de Canavezes e Porto, acompanhados pelos representantes nesta cidade da «Morris», Srs. Manuel G. de Castro, Alexandre Castro e José Manuel Castro dirigiram-se para a Franqueira onde tiveram um almoço de confraternização. Antes, porém, admiraram aquele local sa-

grado e extasiaram-se com a maravilhosa paisagem que dali se disfruta.

No final do repasto, usou da palavra o Sr. Dr. Bernardo Mendes de Almeida, Administrador da Firma A. M. de Almeida para se congratular com esta reunião de confraternização entre Agentes da Firma que representa e, como sublinhou, servia para unir com laços de franca camaradagem todos os presentes.

Brindou, depois, o Sr. Costa Basto, Chefe de Vendas da Firma A. M. de Almeida, congratulou-se com esta reunião e prometeu em breve incrementar a entrega de carros «Morris» no Norte, o que não tem sido possível devida à sua grande procura, que aliás só vem justificar o renome desta grande marca.

O Sr. Alexandre Castro agradeceu a presença de todas as personalidades que vieram a Barcelos tomar

parte neste almoço que decorreu maravilhosamente.

Por iniciativa do nosso estimado amigo Sr. Manuel G. de Castro foi instituída uma taça onde será colocada uma placa comemorativa destas reuniões a efectuar em todas as terras onde a Morris tem agentes, e que será sorteada no final destas reuniões. Também usou da palavra para dores congratular-se com a inagradecer as homenagens dos oracivatos dos Administradores da Morris.

A todos os participantes foram entregues vários brindes, não faltando o tradicional Galo de Barcelos.

«O Barcelense» felicita os Srs. Manuel G. de Castro, Alexandre Castro e José Manuel Castro, mentores desta festa «Morris» em Barcelos, porque souberam honrar a cidade pela maneira como receberam os Agentes e Representantes da Morris e da Firma A. M. de Almeida.



Participantes na reunião MORRIS realizada na Franqueira

Crónica do CIT—Cultura e Arte Ecos duma Entrevista

(Continuação da pág. 1)

dos problemas económico-sociais, ligando-os, precisamente, aos problemas do espírito. A uma geração nova e prometedora que se adivinha, deve corresponder igual frêmito colaborador, coordenador, esclarecedor, moderador e atento, dos barcelenses mais qualificados.

—Barcelos sente-se despertar; vê-se despertar!

—Louvemos Barcelos por este eclodir esperançoso!—Louvemos os pioneiros da magna tarefa que foi a industrialização de Barcelos!—Ajude-me os obreiros a valorizarem-se, criando-lhes condições de vida sã!—E dentre a complexidade dos problemas que urgem solução, cultivemos-lhes o espírito com a Arte! Com o tempo outras actividades se lhe seguirão.

O CIT vem ao encontro duma real necessidade de Barcelos, na hora presente. No dizer de Victor Hugo «O Teatro é um cadinho de civilização. É um «lo de comunicação humana. Todas as suas fases merecem ser estudadas. É no teatro que se forma a alma pública.»

Mostrar obra, foi a preocupação da Comissão Instaladora do Círculo de Iniciação Teatral quando pensou levar a efeito um Colóquio sobre teatro em Barcelos. Era, sim, necessário que primeiramente a cidade fosse despertada do seu letargo, e por isso nada melhor do que um homem de teatro vir falar dos problemas e vantagens duma cultura teatral. O actor encenador Jayme Valverde, nome conhecidíssimo da TV foi o «conferente» da noite cultural que se efectuou no Salão Nobre dos Bombeiros, pelos motivos que noutro local explicamos.

Salão engalanado, quase cheio da melhor sociedade barcelense e de juventude, o Colóquio teve a presidência do Sr. Dr. Luís de Figueiredo, Presidente da Câmara, que era ladeado pela Sr.ª Dr.ª D. Ercília Novais Machado, Presidente da Comissão Instaladora, pelo Sr. Padre Artur Gomes da Costa, Presidente da Assembleia Geral do CIT, e ainda pelo actor encenador Jayme Valverde.

Abriu a sessão o Senhor Presidente da Câmara. Ao fazê-lo, procurou incentivar a obra cultural que

o CIT, vai realizar em Barcelos, numa época em que a cultura pouco ou nada se liga, aqui como em outras terras, todas no mesmo caos, porque há que elevar a juventude, encaminhá-la, fazê-la viver mais o espiritual para que se possa realizar plenamente.

Prosseguindo, o Senhor Presidente da Câmara falou do Teatro Gil Vicente. Falou e nós ouvimo-lo interessados porque Barcelos já não pode estar por mais tempo com a sua casa de espectáculos fechada. Urge que as dificuldades sejam removidas e para isso terá a Ex.ª Câmara que agir. Mais uma vez? Mais vezes até, mas impõe-se à Câmara fazer abrir o nosso Teatro, não esperando que surjam pessoas capazes de vencer todas as dificuldades que subsistem e impedem a sua abertura. Há que lutar por Barcelos e não é com o atirar para os outros que se consegue resolver os problemas que também pertence a quem de direito.

Finalmente o Senhor Presidente elogiou a iniciativa do CIT, e prometeu todo o auxílio para que o CIT, passe a instituição de cultura ao nível dos pergaminhos da terra.

Jayme Valverde começou, depois, a usar da palavra.

Conhecedor dos problemas do teatro, pela vivência a que se sujeitou durante estes últimos anos, Jayme Valverde começou por dizer da quanta satisfação que sentia por ver nascer mais um grupo de teatro numa terra cheia de tradições, de história e de um público exigente, terra que devia dar, até por isso, inteira colaboração ao CIT, para poder desenvolver a sua actividade num plano de formação de uma mentalidade teatral mais enraizada na juventude.

Explanando a forma da criação, a maneira como o CIT, deveria começar, Jayme Valverde, como mestre que é, deu lição que a todos agradeceu e mais, fundamentou o próprio futuro do CIT.

Seguiu-se o colóquio, que teve como elementos mais animosos os Srs. Décio Nunes, José Júlio e F. Andrade, este último do Teatro Experimental do Porto.

O CIT, está criado. Nasceu dos

Não pode O BARCELENSE, jornal católico e bairrista, deixar de se referir com detalhes e relevo à memorável entrevista que o nosso amantíssimo Prior, Padre Alfredo Rocha Martins, concedeu ao Director do Diário do Minho no dia 3 de Maio.

Todos sabem que o D. Prior de Barcelos foi traído na sua modéstia conforme se verifica pela seguinte passagem: «Quando lhe falamos no assunto, recebeu-nos com a mão autoritária, rascando no ar um gesto sacudido e inflexível: Eu quero lá isso».

Ao transcrevermos essa notável entrevista não consideramos o dever cumprido, pois julgamos absolutamente necessário analisar e desenvolver convenientemente cada uma dessas «frases soltas» que vêm esclarecer o meio acerca de certas dúvidas até agora existentes e para as quais nunca foi encontrada explicação satisfatória.

E o que faremos a seguir.

Exames Finais do Curso de Tractoristas

Realiza-se no próximo dia 31, segunda-feira, pelas 10 horas, na Quinta da Granja, nesta cidade, os exames finais do curso de tractoristas agrícolas, curso organizado pelo Posto Agrário de Braga, de colaboração com o Grémio da Lavoura de Barcelos e outros organismos.

Tendo em conta o alcance desta medida do Posto Agrário de Braga, que vem contribuir para a formação de gente especializada para o amanhã agrícola, é de elogiar tal iniciativa e pedir a repetição do curso para que outros tenham idêntica oportunidade.

Agradecemos o convite.

jovens e transformou-se numa associação de Barcelenses de todas as idades. A colaboração é imprescindível para que possa vencer as dificuldades iniciais, mas, contudo, também são precisos para uma demarcação de posições e de incentivo a uma luta que se teme de vencer.

Aos meus, da minha Família, que
[ora sofrem]
Aos amigos que neste momento,
[padecem]
Aos doentes do Hospital Barcelense
Aos sofredores do Continente e do
[Ultramar]
A todos os enfermos, prescindindo
[de raças e de cores]

Peguei na pena para vos dirigir esta missiva. Gostaria bem mais de vos visitar, com a minha presença física. Sendo-me totalmente impossível, visito-vos, desta maneira: através desta epístola, escrita numa tarde quente de Primavera, ao som do lido gorjejar das avezinhas, alcandoradas nas ramagens, mas pensando em vós, nas vossas dores e nas vossas torturas, nas vossas aflições e nas vossas desgostos. E visito-vos, através desta carta, porque sois meus irmãos: o meu coração palpita de amor por vós. Visito-vos — não me esqueço de vós — porque bem sei o que custa sofrer, e, de algum modo, quero tornar mais doces e suaves as vossas dores que, por vezes serão azedas e amargas em demasia. Visito-vos, pois ouvi dizer, em criança, que visitar os enfermos era uma obra de misericórdia tão boa e tão santa que teria elogio, teria prémio, no dia do juízo. Visito-vos, porque vejo em vós a imagem de Jesus.

Embora a minha visita seja através duma carta, desejais que deixe duas palavras com que possais atenuar as vossas amarguras. De bom grado vo-las digo. Ouvi-me vou conversar convosco.

Olhai: foi pelo sofrimento que Cristo quis operar a Redenção.

Não sei se já lestes a História da Humanidade. Caso afirmativo, certamente notastes que, no decorrer dos tempos, todos os homens verdadeiramente grandes na virtude ou no saber, foram homens de grande sofrimento.

Os nomes de muitos ensinam-vos a vossa mãe ainda em criança, e já até no berço os sabeis pronunciar. Mais tarde esses grandes homens entusiasmavam-vos a prosseguir no caminho do bem favorecendo-vos a vencer as dificuldades que apareciam na jornada, apontando a maneira eficaz de vos defenderdes das intempéries. Esses homens, que também foram grandes no sofrimento, deixaram atrás de si um rasto luminoso e deles bem podemos dizer: destes é que reza a história (não reza dos fracos). Sobre alguns destes grandes sofredores falei abaixo. Porque agora já me vens com este queixume: sofro muito! Eu respondo: Acredito. Mas olha; quando assim padeces está Deus perto de ti. Objectar-me-ás, porém: tenho sido bom, tenho cumprido os meus deveres e o Senhor manda-me este sofrimento horrível! Escuta-me, caro amigo: eu já sabia, mas ainda há poucos dias, ouvi de pessoa santa o que te vou contar: «quando o Senhor ama muito alguém envia-lhe sofrimentos para o purificar dos seus pecados e, assim, após a morte, entrar no Reino dos Bem-Aventurados.» Eu invejo — dizia-me esse virtuoso senhor — o sofrimento dessas almas.

Sofreis muito e talvez sejais muito bons. Mas, quem tão bom como Cristo e quem sofreu como Ele? O Amigo das crianças, o Consolador das mães aflitas e chorosas, o Médico de corpos e de almas, o saciador de ouvintes sem conta, que passou pela terra a fazer o bem, foi sujeito aos tormentos mais atrozes, morrendo, por fim, ignominiosamente, numa Cruz! A Bondade personificada morre da maneira mais dolorida e vergonhosa! Sofreis muito?... E Nossa Senhora? A Mãe do Criador, apesar de não ter pecado algum, ainda hoje é considerada a Mãe das Dores.

Sofreis muito?... Acredito e compreendo a vossa tortura. E os mártires dos primeiros tempos do Cristianismo? Suportaram dores horríveis, horripilantes. Uns lançados à fogueira, outros triturados pelas feras; uns acoutados com azougues, outros decapitados; todos sujeitos, enfim, aos maiores vexames. E tudo sofriam por amor de Jesus Cristo. «A visão de Cristo imolado por nosso amor, acompanhava continuamente aqueles primeiros cristãos e acendia nos seus corações um ardente desejo de pagar amor com amor, sangue com sangue, vida por vida.»

Inácio de Antioquia fora condenado, reinando Trajano. Antes da cruel morte, sem medo, com o peito a transbordar de amor por Cristo, exclamava:

«Quando estarei então triturado pelos animais que estão preparados para mim? Oh! para eu encontrá-los prontos! Eu os acariciarei, para que eles se apressem a devorar-me e não recuem diante de mim, como por temor têm poupado vários outros! Se eles recuarem, eu os obrigarei a

3

atacar-me. Perdoai-me. Eu, sei o que é necessário. Agora começo a ser discípulo. Que nenhum ser visível e invisível me inveje a glória de alcançar Jesus Cristo! Chamas e cruces, ataques de animais ferozes, desolação de ossos, distorção de membros, dilaceração de todo o corpo, todas as torturas, vinde sobre mim! Quero Aquele que ressuscitou por mim! Permitti que eu imite os sofrimentos do meu Deus!»

No supplicio morreu Santo Inácio de Antioquia! Um forte!

Foram sem conta os que, durante quaaes, três séculos, derramaram generosamente o sangue por Cristo.

Nas fileiras dos Mártires aparecem pessoas de todas as categorias sociais. Ai encontramos Papas como Pedro e Marcelino, patrícios como Flávio Clemente (cônsul e primo direito do Imperador), plebeus como Teodoro, filósofos como Justino, Apóstolos como Paulo, matronas como Panopónia Gracino, bispos como Potino e Sereno, mães como Felicidade, diáconos como Lourenço, lavradores como Máximo, escravos como Blandina, soldados como Júlio e Sebastião, virgens como Cecília, velhos como Policarpo, raparigas como Inês, meninos como justo e Pastor...

Acerca dos dezoito Mártires de Saragoça, o escritor espanhol Prudêncio traçou-nos um quadro encantador num seu livro maravilhoso. «Nele se faz um inventário das diversas cidades que no dia do juízo poderão apresentar orgulhosos os membros ensanguentados de seus filhos, dando de passagem os nomes dos mártires mais ilustres.»

Sofreis muito?... Imagino as vossas dores. Mas, pensai em todos os que, através dos tempos foram torturados, injustamente. Desejais que vos lembre alguns?

Santo Hermenegildo, filho do Rei Leovigildo, por se negar a receber a Comunhão dum bispo Ariano foi martirizado no séc. XI (o arianismo foi uma terrível heresia proposta por Ario no ano 318.).

O Santo Padre Bonifácio VIII foi caluniado e preso por Mogarte e diz-se que um dos Colonna cegou a esbofetead-lo (séc. XIV).

D. Fernando, último filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, após a expedição a Tânger, ficou cativo dos mouros, principiando o mais cruel e o mais santo dos mártires de que a nossa história reza, no dizer de Oliveira Martins. O Infante ficou alojado numa enxovia infecta, com onze companheiros, quando o espaço só daria para oito. «Mostrava-se, contudo, de uma resignação tão mansa que os próprios mouros diziam que ele seria santo se não fosse cristão.»

S. João de Brito, de nobre família portuguesa, sofreu, heróica e resignadamente o martírio, quando se empenhava na conversão do Príncipe do Malabar.

D. António Barroso, glória de Barcelos, suportou inauditos sacrifícios como Missionário e como Bispo.

Sofreis muito?... Lembrai-vos da maneira como o Santo Pontífice enfrentou a morte.

Sofreis muito?... Associe-me à vossa dor. Quero dar-vos alento e coragem. Desejo que esta pobre carta vos possa trazer consolação.

Coloqui diate de vós homens notáveis pelo sofrimento. Imitai-os.

Sofrei com Cristo. Sofrei com a Mãe do Céu. Assim o jugo é suave e o peso é leve.

Oxalá, de ti, querido doente, possam ser ditas palavras sublimes como as que há quinze dias um colaborador de «O Barcelense» escreveu acerca dum enfermo que espera a morte. Com a devida vénia, vou transcrevê-las:

«Hoje, num leito de dor, tendo à cabeceira o Crucifixo e a Sagrada Escritura, torturado por doença atroz, com trinta e dois anos apenas, vai esperando a morte.

As palavras que pronuncia são dum eterno agradecimento e louvor a Deus e à Virgem Mãe por o terem ajudado a ser bom cristão e por lhe terem enviado este sofrimento a purificá-lo dos seus pecados.

Esperansosamente, confiadamente, com a máxima resignação cristã antevê o final da sua existência terrena.

Traz maior bem para a alma visitar este doente, que tem estudos superiores, do que fazer um Retiro de oito dias.»

Estimado amigo: em frente, sofrer, com fé e coragem, com alegria e esperança, tendo os olhos fitos no Céu.

Se assim fizeres, no dia da tua morte hás-de cantar vitória, hás-de entoar um hino jubiloso, bendizendo todas as dores e louvando, sem cessar, Aquele Senhor Omnipotente, que a todos ama e a todos recompensa.

J. Ferreira

CASA CUNHA Telefone 82645
DE — **Félix Luís da Cunha**
CAMPO DA FEIRA — BARCELOS
Vende aos melhores preços toda a qualidade de calçados
(NÃO COMPRE SEM CONSULTAR ESTA CASA)